

Comentários

Prezados(as) colaboradores(as), o cenário econômico foi influenciado pelos seguintes eventos no mês de junho:

Cenário Internacional

- Novamente, o conflito entre EUA e Irã seguiu como um dos principais fatores para o comportamento dos mercados globais. O período que começou conturbado, com deterioração da comunicação entre os países, terminou com ambos os lados concordando com um memorando de entendimento de 14 pontos que permitiu com que o Estreito de Ormuz reabrisse e o tráfego de embarcações comerciais atingisse o maior nível desde o início do conflito. Embora o acordo tenha se mostrado até certo ponto frágil, com alguns ataques ocorrendo após ele, o mês terminou com um cessar-fogo estabelecido.
- Apesar da boa notícia, que inclusive derrubou o petróleo (Brent) cerca de 20% no mês, o que pode tirar um pouco da pressão sobre a inflação mundial no futuro, os Bancos Centrais que realizaram reuniões de política monetária no período foram vocais em alertar sobre suas preocupações com as pressões inflacionárias e indicar não só nenhum espaço para cortes nas taxas nesse ano, como também expectativas de altas à frente. Nos EUA, na primeira reunião do FOMC com seu novo presidente, a taxa básica de juros foi mantida no intervalo de 3,5-3,75% de forma unânime, com abandono da postura de afrouxamento monetário e um comunicado pós-reunião muito mais curto e “abrupto”, terminando com a afirmação de que “o comitê garantirá a estabilidade de preços”, sem qualquer menção ao seu mandato de pleno emprego.
- Do lado da economia real nos EUA, o mercado de trabalho registrou mais um mês de bons dados com forte criação de vagas e estabilidade na taxa de desemprego, mas com os salários reais em queda devido à inflação, com o CPI registrando o maior aumento desde o início de 2023 com alta mensal de 0,5% e de 4,2% em 12 meses.
- A materialização da alta da inflação somada à postura mais dura dos Bancos Centrais impactaram os negócios nos principais mercados ao redor do mundo, embora o cessar-fogo celebrado no final do mês tenha tirado um pouco da pressão sobre os preços dos ativos. Outro ponto que impactou a performance das bolsas foi a perda de tração dos negócios com empresas de IA, diante do aumento das preocupações com preços elevados, dúvidas sobre a geração de caixa no longo prazo e planos agressivos de capex, o que levou a uma rotação das ações de empresas ligadas à IA para setores mais defensivos e mais voltados ao mercado doméstico. No fechamento do mês, o S&P500 recuou 1,06% (passando a acumular alta de 9,55% no ano) e o MSCI World caiu 0,8% (acumulando 8,92% em 2026).

Cenário Local

- No Brasil, assim como no cenário internacional, os movimentos nos mercados continuaram impactados pelo conflito no Oriente Médio e suas consequências, uma vez que também por aqui a inflação corrente **e suas expectativas seguiram se deteriorando** as perspectivas para novos cortes na taxa Selic ficaram sob Júdice.
- Do lado da economia real, os dados da atividade foram mistos, com alta nos Serviços (PMS +1,2%) e na Indústria (PIM +0,7%) e queda no Varejo ampliado e restrito (PMC, -0,7% e -1,5%, respectivamente). A atividade corrente se comportou em linha com o esperado pelos investidores, com perda de

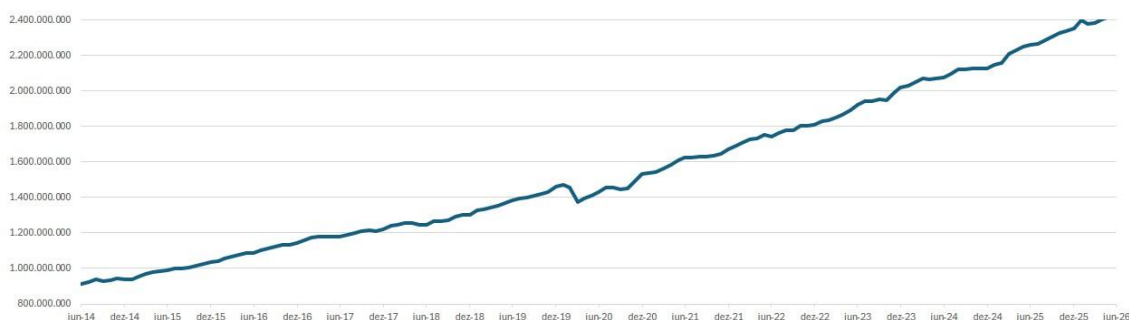
dinamismo por causa das altas taxas de juros e elevado comprometimento da renda das famílias com endividamento, mas com os impulsos fiscais e parafiscais puxando a economia por outro lado (IBC-Br aumentou 0,5% em abril). Do lado fiscal, mesmo diante de forte arrecadação, o Governo Central registrou déficit primário de R\$ 53,3 bilhões em maio, com destaque para o aumento real de 9,4% das despesas totais devido ao aumento no volume de execução de despesas discricionárias (+128,6% YoY em termos real). Com isso, a dívida do setor público consolidado atingiu 67,9% em termos líquidos e 80,34% em termos brutos.

- Quanto à inflação e política monetária, o COPOM entregou novo corte de 25pb na Selic, conforme esperado, mas para justificar tal movimento teve que estender o horizonte relevante de política monetária em um trimestre, o que resultou em inclinação de alta da curva de juros, com as taxas longas subindo.
- No fechamento do mês, o comportamento e performances dos mercados domésticos caminharam seguindo as notícias dos conflitos, mas também foram impactados pela relevante saída de capital estrangeiro (principalmente da bolsa de valores, que perdeu R\$ 7 bilhões) e pelo aumento das taxas de juros longas. Na B3, os assuntos comentados em conjunto com a queda do preço do petróleo (que impactou os preços das ações da Petrobrás) resultaram em uma queda da Ibovespa de 1,01% (IBr-X -1,14%). Na renda fixa, o resultado da reunião do COPOM explicado acima, o pressionado quadro fiscal e as expectativas deterioradas para a inflação, resultaram em baixa performance das estratégias prefixadas (IRF-M 0,69%) e atreladas ao IPCA (NTN-B -1,04%).

Quadro de Rentabilidade

	<i>Junho</i>	<i>3 meses</i>	<i>6 meses</i>	<i>2026</i>	<i>12 meses</i>	<i>24 meses</i>	<i>36 meses</i>	<i>60 meses</i>	<i>120 meses</i>
Plano BASF	0,83%	2,74%	5,92%	5,92%	12,20%	24,20%	34,70%	61,32%	169,51%
CDI	1,12%	3,32%	6,84%	6,84%	14,78%	28,72%	43,75%	77,41%	144,47%
Inflação (IPCA)	0,16%	1,42%	3,36%	3,36%	4,64%	10,24%	14,90%	32,62%	63,11%
Poupança	0,67%	2,00%	4,07%	4,07%	8,35%	16,53%	25,21%	43,79%	79,52%

Evolução do Patrimônio



Composição Patrimonial

